



XIII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"



19 a 21 de Setembro de 2019 São Cristóvão/SE/Brasil

ISSN: 1982-3657 | PREFIXO DOI 10.29380

Recebido em: **20/08/2019**

Aprovado em: **20/08/2019**

Editor Respo.: **Veleida Anahi - Bernard Charlort**

Método de Avaliação: **Double Blind Review**

Doi: <http://dx.doi.org/10.29380/2019.13.10.01>

NAS ESCRITAS DE SI: A COMPOSIÇÃO DE NARRATIVAS DE PROFESSORAS DO TRIUNFO / IN
YOUR WRITING: THE COMPOSITION OF TRIUNFO TEACHER / NARRATIVES EN TU ESCRITURA: LA
COMPOSICIÓN DE LAS NARRATIVAS DE PROFESORES DE TRIUNFO

EIXO: 10. EDUCAÇÃO, CORPO, SEXUALIDADE, GÊNERO

ALDENISE CORDEIRO SANTOS, ANTHONY FABIO TORRES SANTANA, JULIANA SANTOS
MONTEIRO VIEIRA

Resumo: Este artigo objetiva apresentar a narrativa de si como possibilidade de pesquisa no campo da Educação. Este estudo foi desenvolvido para compreender a produção discursiva acerca da mulher na escola contemporânea, a partir de três professoras do povoado Triunfo, na cidade de Simão Dias, interior de Sergipe. O texto traz as narrativas produzidas por meio de dois blocos de entrevistas semiestruturadas com questões abertas voltadas a compor experiências de três professoras dos primeiros anos do Ensino Fundamental. A análise das narrativas teve inspiração genealógica com base em Nietzsche e Foucault. Nesse encontro a tese sinaliza elementos que compõem a docência como o longo e infinito caminho da formação que provoca diversos outros entendimentos sobre o conceito mulher.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo presentar la narrativa de sí mismo como una posibilidad de investigación en el campo de la educación. Este estudio fue desarrollado para comprender la producción discursiva sobre las mujeres en la escuela contemporánea, de tres maestros de la aldea Triunfo, en la ciudad de Simão Dias, en el campo de Sergipe. El texto presenta las narraciones producidas a través de dos bloques de entrevistas semiestruturadas con preguntas abiertas destinadas a componer las experiencias de tres maestros de los primeros años de la escuela primaria. El análisis de las narraciones tuvo inspiración genealógica basada en Nietzsche y Foucault. En esta reunión, la tesis señala elementos que componen la enseñanza como el camino largo e infinito de formación que provoca varias otras comprensiones sobre el concepto de mujer.

Abstract: This article aims to present the narrative of itself as a research possibility in the field of Education. This study was developed to understand the discursive production about women in contemporary school, from three teachers from Triunfo village, in the city of Simão Dias, Sergipe countryside. The text brings the narratives produced through two semi-structured interview blocks with open questions aimed at composing experiences of three teachers of the first years of elementary school. The narrative analysis was genealogically inspired by Nietzsche and Foucault. In this meeting the thesis signals elements that make up teaching as the long and infinite path of formation that provokes several other understandings about the concept woman.

1. Larissas, Raimundas e Sophias: as múltiplas vozes do Triunfo

Neste artigo, as protagonistas são mulheres em suas diversas subjetividades, com suas *professoralidades*[1]. Compor narrativas de si é um longo e cuidadoso processo. O objetivo que motivou esta pesquisa foi compreender as instâncias e caminhos, por meio do qual se construiu, na instituição escolar, produções discursivas e saberes acerca da mulher, mas não uma identidade de mulher, e sim os diferentes enunciados, imagens, subjetividades, ações, objetos, espaços, camadas, discursos e saberes produzidos a seu respeito na contemporaneidade. Dentro dele desenvolvemos entrevistas com professoras da educação básica a fim de compor narrativas de si destas mulheres. Neste texto o objetivo é apresentar a narrativa de si como possibilidade de pesquisa no campo da Educação.

Mulheres estão a compor diversas *professoralidades*, no Triunfo, e em outras tantas salas de aula da contemporaneidade. Mulheres que aqui se tornam personagens, nos movimentos da docência da vida. Porque cada professora entrevistada tem um nome fictício para preservá-las, nome escolhido por elas. Mas o maior objetivo foi fazer com que elas pudessem movimentar-se; que, ao lermos suas falas, pudéssemos nos encontrar nelas, nas suas experiências.

São três mulheres. São três destinos. Muitas docências para contar. Muitos encontros e desencontros para compartilhar. Raimunda, Larissa e Sophia, três professoras mulheres do Triunfo. Professoras dos primeiros anos do Ensino Fundamental, formadas em Pedagogia. Lecionam nas escolas do Triunfo. No povoado há três escolas: uma de Ensino Fundamental dos anos finais e Médio; e outras duas de Ensino Fundamental dos anos iniciais, nas quais busquei as professoras que participam desta pesquisa.

A primeira delas é Raimunda, uma mulher do Triunfo. Foi no povoado que cresceu, estudou, teve o primeiro emprego e onde trabalha até hoje. São mais de vinte anos de docência lidando todos os dias com os imponderáveis da vida. Em nossa primeira e segunda entrevistas, realizadas em sua casa, em um momento de folga, diversas foram as marcas compartilhadas por ela. Como é forte e marcante a docência em sua vida! Desde menina nunca pensou em ser outra coisa a não ser seguir a profissão da família.

Larissa traz marcas da vida além do Triunfo. Não é do povoado. Teve sua formação em Aracaju. Sua família é de Simão Dias, mas fez sua vida fora dali, como também seus conceitos e forma de encarar a vida. Sua experiência docente ainda é recente, mas com marcas significativas. Sua vida docente é obra do acaso para alguém que não queria tornar-se professora. Buscou outras profissões, mas acabou ingressando na carreira docente. Nossos encontros foram na sua hora de intervalo entre as paredes da escola.

Sophia nasceu para ser professora. Nunca pensou em algo diferente. Seguiu seu caminho ainda adolescente e não duvidou de sua escolha. Hoje, corre entre dois vínculos, duas cidades e as tarefas de ser mãe e mulher. É uma professora dedicada que acaba levando suas tarefas docentes para sua vida além da escola. Encontramo-nos em meio a essa correria, em raros momentos em que se deu folga dessa rotina e foi possível compartilhar um pouco dos traços de sua vida.

2. A narrativa de si e a composição a partir da entrevista

A proposição desta pesquisa é uma busca de uma escrita que dê visibilidade às suas atuações e práticas na escola, caminhando assim para uma espécie de “escrita de si”. Para Rago, “a “escrita de si” é entendida como um cuidado de si e também como uma abertura para o outro, como trabalho sobre o próprio eu num contexto relacional, tendo em vista reconstituir uma ética do eu” (RAGO,

2013, p.50). Por conta disso, trabalhamos com entrevistas de professoras de forma que elas componham narrativas de si, linhas desse fazer docente, ou ainda mais, que as *professoralidades* delas permeiem esta pesquisa.

(...) a narrativa de si é a narrativa da relação consigo mesmo, e nela é possível destacar claramente dois elementos, dois pontos estratégicos que vão se tornar mais tarde objetos privilegiados do que se poderia chamar a escrita da relação consigo: as interferências da alma e do corpo (as impressões mais do que as ações) e as atividades do lazer (mais do que os acontecimentos exteriores); o corpo e os dias. (FOUCAULT, 2004, p.157)

A ‘escrita de si’, no sentido foucaultiano, abre espaço para as subjetividades e faz com que os devires possam permear a escrita. Afirmamos que estudos que dão voz e entrelaçam experiências de mulheres colocando em xeque certos saberes com *status* de verdade contribuem para novos entendimentos e questionamento das compreensões mais tradicionais em relação à mulher. Afinal, a escrita de si “o exercerá na ordem dos movimentos interiores da alma; nesse sentido, ela tem um papel muito próximo da confissão ao diretor espiritual” (FOUCAULT, 2004, p.145).

Portanto, este é um estudo com inspirações genealógicas e tem por finalidade compor um processo de pesquisa que compreenda as subjetividades dos sujeitos de pesquisa a partir dos elementos do sensível e demais impressões que permeiam o social. Esta pesquisa tem se movimentado para compreender diversos modos de subjetivação construtores das práticas discursivas sobre a mulher na escola, que conduzem a mulher a enquadramentos sociais.

Desenvolvemos um estudo aprofundado sobre os conceitos de gênero, práticas discursivas, saber e os diversos conceitos que permeiam este texto. Essa busca se desenvolveu com o levantamento de livros, artigos, dissertações, teses e demais elementos bibliográficos, visuais e literários.

Realizamos dois blocos de entrevistas semiestruturadas com questões abertas voltadas a compor narrativas de três professoras dos primeiros anos do Ensino Fundamental. As entrevistas foram realizadas com mulheres/professoras que ainda atuam no Ensino Fundamental, em seus anos iniciais, no povoado Triunfo, da cidade de Simão Dias/SE. Os resultados foram muito produtivos, permitindo a composição de longas narrativas orais autobiográficas do fazer docente que demonstraram ser entrevistas narrativas com conteúdos singulares à composição desta pesquisa. A abordagem de análise está sendo a de desenvolver a genealogia da construção do conceito mulher por meio das narrativas de si destas professoras e do estudo da construção conceitual. Dentro da perspectiva de Foucault de pensar a escrita de si,

O trabalho que a carta opera no destinatário, mas que também é efetuado naquele que escreve pela própria carta que ele envia, implica, portanto, uma "introspecção"; mas é preciso compreendê-la menos como um deciframento de si por si do que como uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo. (FOUCAULT, 2004, p.157)

Com a utilização desta abordagem empírica, temos por objetivo identificar, a partir da análise das narrativas, práticas discursivas que determinam o conceito mulher na educação escolar. Essa produção discursiva compõe uma moralidade atuante na subjetividade dessas mulheres numa “ideia de uma subjetividade de natureza industrial, maquinica, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida” (GUATTARI; ROLNIK, 2010, p.33).

Portanto, estou pensando a produção de subjetividades de mulheres na escola e quais são os

conceitos produzidos do que ser e como se compreender. Devo dizer, contudo, que isto está em processo, traçando linhas em um emaranhado, sem início, nem fim, sempre acionando pelo meio e compondo um plano de imanência, em um processo de investigação da produção de subjetividades.

3. Um lugar chamado Triunfo

[...] era um passado que mudava à medida que ele prosseguia a sua viagem, porque o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado, não o passado recente ao qual cada dia que passa acrescenta um dia, mas um passado mais remoto. Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos. (CALVINO, 1990, p.21-22)

Para uma genealogia que trabalha com narrativas de si, poderíamos ter escolhido qualquer escola de Aracaju ou de outro município do Estado. O que nos motivou, como pesquisadores, a lançar o olhar para este objeto, poderia ter ocorrido em qualquer escola, em qualquer lugar onde se podem compreender as produções discursivas e saberes sobre as mulheres. Contudo, alguns elementos do povoado Triunfo nos chamam atenção para ter este como local de pesquisa. O povoado Triunfo fica no município de Simão Dias, em Sergipe, localizado a 120 km de Aracaju.

Entre as professoras do Triunfo, Raimunda é a que vivenciou mais a comunidade, porque é o seu lugar natal, onde estudou as primeiras letras e viveu as brincadeiras da infância. Como é uma comunidade de agricultores, em suas palavras desvela-se a relação da professora com o lugar.

A questão do plantio aprendi com eles. Assim, sempre é um aprendizado. O nosso livro é um livro de educação no campo e eles sempre dizem “eu faço isso, lá na roça é assim”. Por mais que se diga “criança não é para estar na roça”, mas o próprio livro traz que a criança pode ajudar. Ai, eles comentam “eu não vim porque estava trabalhando”. Às vezes, eles querem sair (2) para ficar, eles dizem “hoje eu vou sair para ficar com meu país, que só assim eu ganho um dinheirinho”.[ii]

É fundamental compreender essa relação para conhecer um lugar como o Triunfo. Às vezes, os alunos estão ou não na escola por conta do calendário da agricultura. Raimunda cresceu com estas características, compreendendo o vocabulário, os fazeres, os hábitos; foi moldada neste lugar com todas as cargas morais que lhe perpassam.

Durante a entrevista Raimunda nos fala um pouco sobre os aspectos morais do lugar, como isto se apresenta no comportamento e enquadramentos de seus alunos. Conta de uma experiência com um aluno, durante as comemorações pelo período do folclore, quando este não queria vestir uma roupa, pois lembrava ser um vestido e sua família não iria gostar.

No folclore, teve uma coisa interessante que cada sala ficou de apresentar uma lenda do lobisomem, e nós queríamos uma criança. Pegamos TNT preto e fizemos. Um aluno ia narrar a história. E um disse que não ia vestir não porque era um vestido de mulher. Ai, eu disse que homem pode, que em outros países e religiões que as pessoas vestem. Até mostrei a guarda da

rainha. Ele aceitou, mas não podia tirar foto para a família não vê ((rindo)), porque a gente esbarra nessa: questão e tem que ter o cuidado de não ferir os princípios (2) da família e aos poucos a gente tenta ir trabalhando essa parte.[iii]

No livro *Poder do Macho* (1987), Heleieth Saffioti trabalha com este elemento presente na fala de Raimunda. A autora aborda que socialmente nascemos machos e fêmeas, através da educação nos tornamos homens e mulheres. Esta é uma construção social e cultural que atravessa gerações.

O machismo, muito presente na comunidade do Triunfo, assim como na sociedade brasileira, impõe a este menino a impossibilidade de usar um vestido. Processos de discriminação contra a mulher ou a elementos ligados a ela são naturalizados cotidianamente. Tudo aquilo atrelado à mulher é inferiorizado com um sentido muito perverso. O modelo de homem a ser reiterado é heterossexual; há uma produção discursiva dominante que determina estes enquadramentos, produzindo corpos dóceis, corpos sujeitados, proibidos de transgredirem o seu papel determinado.

A identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem. (SAFFIOTI, 1987, p.8)

Essa atribuição de papéis de gênero bem reforçados adentram os muros da escola e é constante em uma comunidade com uma relação muito próxima à escola. Na comunidade do Triunfo, todos se conhecem e se incomodam com aquilo que subverte o modelo.

A entrevista com a professora Sophia indica bem esta condição de ter uma comunidade bem próxima à escola, quando ela afirma: “Não foi tão diferente aqui, porque os pais ainda acompanham. A gente não vê mais quando eu comecei. Eu insisto, porque não tem nada que substitua o que a família faz em casa, nenhum professor. Pode ser o melhor de todos se a família não tiver do lado”[iv].

Na primeira entrevista, Sophia nos contou como foi revoltante o resultado de uma greve que havia acontecido, e na qual esteve engajada, mas que, no final, não conseguiram conquistar o almejado, o quanto isso lhe marcou. Na segunda entrevista, conta sobre a relação das mães de seus alunos com esse momento da greve: “Aqui na Feirinha, pra você vê, né? Teve na época na greve, mães de gritar ‘cês acham que recebem pouco é?’ Não sabendo que muitas vezes nossas lutas são lutas que são para eles também né? Que não é só nossa”[v]. Muitas vezes certas ações de nós professoras são delimitadas pelo contexto social, econômico e cultural em que estamos. *Professoralizar* na diferença não é fácil, mas há fugas dessas demarcações e precisamos encontrar as brechas ou fazer rachar o que nos impede de fugir aos enquadramentos. Precisamos fazer isso no Triunfo ou em nossas salas de aula de qualquer lugar.

Larissa, na primeira entrevista, se referiu de forma distante com relação à comunidade quando disse: “Da comunidade aqui eu não tenho tanto conhecimento que eu não sou dessa comunidade. Não vejo como é a organização social aqui fora o que vem para dentro da escola”[vi]. Na segunda entrevista, ela trouxe um novo olhar para o Triunfo, fazendo uma afirmação acerca do incômodo que lhe causa os conteúdos abordados nos livros didáticos, principalmente de História e Geografia, nos quais não há discussão sobre a mulher.

Os caciques, os pajés, os coletores, né, os que plantavam né, **mas não tem uma presença da mulher** aqui no material, a mulher como um sujeito, ali

importante, a mulher como um sujeito que contribuiu para que a história, para que a nossa sociedade seja dessa forma, as lutas todas das mulheres não aparecem nos textos. Então assim, tudo isso faz com que me incomode e eu traga esse incômodo para a sala de aula, porque eu tenho a ideia assim, que um incomodinho incomodando muita gente vai despertar uma reflexão, ((rindo)) vai despertar uma ideia assim de “caramba não é assim” que a gente precisa mudar. A gente precisa pensar de outra forma. E aí, é bem por esse caminho mesmo assim, essa questão do incômodo assim, né como me incomodou agora a questão dos negros, que eu citei anteriormente e outras coisas que me incomodam. Na questão da Geografia mesmo, na questão agrária, mostra sempre a luta do homem pela terra, e qual é o papel da mulher nessa luta pela terra? Porque ela tá ali lutando também. Pode ser que ela não esteja de uma forma tão (visível) colocando a cara dela a mostra, frente a frente nas manifestações, mas ela tá ali constituindo aquele espaço, aquele território rural.[vii]

Pensando sobre uma comunidade na zona rural, que tem uma relação direta com a agricultura e verificando o censo agropecuário do IBGE sobre agricultores declarados no município de Simão Dias/SE, percebo que há 3196 proprietários rurais do sexo masculino, correspondendo a 34802 hectares; e 1008 do sexo feminino, correspondendo a 4253 hectares, o que demonstra que as mulheres têm, em sua maioria, pequenas propriedades[viii]. Trabalhando nestas propriedades são 7647 pessoas do sexo masculino e 3051 do sexo feminino. Estes dados demonstram que 31,5% das propriedades são de pessoas do sexo feminino e que 40% da força de trabalho também são do sexo feminino. A população rural representa quase 50% em número de domicílio[ix], e a produção rural representa quase um terço do produto interno bruto, que demonstra a relação e demanda do trabalho feminino no campo, mas que não está representado nos livros didáticos de História e Geografia em que a mulher aparece de forma coadjuvante e ainda dentro de um modelo patriarcal, o que acaba por reiterar aos filhos dessas mulheres agricultoras a naturalização da discriminação contra a mulher, ainda mais contra mulheres negras, pobres, que trabalham nestas propriedades rurais. Para Saffioti,

[...] a supremacia masculina perpassa todas as classes sociais, estando também presente no campo da discriminação racial. Ainda que a supremacia dos ricos e brancos torne mais complexa a percepção da dominação das mulheres pelos homens, não se pode negar que a última colocada na ‘ordem das bicadas’ é uma mulher. Na sociedade brasileira, esta última posição é ocupada por mulheres negras e pobres. (SAFFIOTI, 1987, p.16)

O Triunfo é um lugar como diversos outros no Brasil, uma comunidade fortemente marcada pelas moralidades e enquadramentos aos quais fomos submetidos. Os exemplos de fuga e subversão existem lá, assim como as produções discursivas acerca da mulher presentes na educação escolar, ensinadas pelas professoras do Triunfo e reafirmadas em suas casas.

4. As narrativas de si das professoras do Triunfo

A educação é, necessariamente, um empreendimento coletivo. Para educar – e para ser educado – é necessário que haja ao menos duas singularidades em contato. Educação é encontro de singularidades. Se quisermos falar espinosanamente, há os bons encontros, que aumentam minha potência de pensar e agir – o que o filósofo chama de alegria – e há os maus encontros,

que diminuem minha potência de pensar e agir – o que ele chama de tristeza. A educação pode promover encontros alegres e encontros tristes, mas sempre encontros. (GALLO, 2012, p.1)

São múltiplas as marcas que atravessam o caminho infinito da nossa formação docente. Esta é uma longa trajetória na qual há encontros e desencontros, porque estamos lidando com a educação. Quantas vezes, na profissão docente, nos esforçamos para planejar e fazer diferente a cada aula? Contudo, nem sempre nossos alunos nos dão as respostas esperadas, prova de que estamos lidando com o inusitado provocado pelas intercessões das diferenças presentes nas salas de aulas.

Em meio a estes encontros e desencontros fomos compondo esta pesquisa, na fala dos alunos, nas experiências com o lugar – como já relatamos aqui em algumas linhas anteriores. Dessa forma, foi observando as produções discursivas acerca da mulher na comunidade que fomos pensando como iríamos desenvolver os caminhos de pesquisa.

Para a composição dessa pesquisa inspirada na genealogia precisávamos compreender as produções discursivas, como suas diversas instâncias estão presentes nas escolas de Ensino Fundamental dos anos iniciais. Diante destas questões pensamos na escrita de si porque “escrever é, portanto, ‘se mostrar’, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro” (FOUCAULT, 2004, p.156). Margareth Rago, ao tratar das narrativas de si das mulheres do movimento feminista, indica que,

A noção de “escrita de si” é fundamental, nesse contexto, para diferenciar os discursos autobiográficos dessas militantes das autobiografias confessionais tradicionais, em que o indivíduo parte para uma busca introspectiva de si, pela escrita, tendo em vista reencontrar sua verdade essencial supostamente alojada no fundo da alma, na própria interioridade. Aqui, ao contrário, trata-se de assumir o controle da própria vida, tornar-se sujeito de si mesmo pelo trabalho de reinvenção da subjetividade possibilitado pela “escrita de si”. (RAGO, 2013, p.52)

Por conta da escrita de si (na pesquisa entendo como uma narrativa de si), como proposta por Rago, buscamos professoras do Povoado Triunfo que pudessem ser parte da pesquisa, pois poderiam ser professoras de quaisquer lugares. Poderia ser qualquer professora daqui ao Chuí, atravessada pelas produções discursivas que legitimam verdades sobre a mulher, porque “uma verdade é sempre uma fabricação e veicula uma certa moral” (FELDENS, 2008, p.41). Nas escolas do Triunfo encontramos com Raimunda, Larissa e Sophia, mulheres essenciais na composição desta pesquisa.

Entendendo a narrativa de si como uma abertura que se dá ao outro, como uma permissão para transitar entre as linhas que se materializam e compõem suas *professoralidades*, fomos exercitando como pesquisadores para saber ouvir no silêncio e escutar o outro, para compor uma escrita capaz de tocar e provocar outras pessoas a movimentarem o seu fazer docente. A pesquisa com as narrativas de si, para Foucault (2004, p.254), movimenta-se para uma abertura sobre si mesmo; para trabalhar com ela, é necessária uma ética de permitir que suas linhas atravessem os campos mais inusitados possíveis.

Para a pesquisa foram escolhidas três professoras, estas professoras funcionam como arquétipos para muitas outras. Por isso o plural, quando tratamos de Raimundas, Larissas e Sophias, porque são intensas as subjetividades presentes em suas narrativas de si na composição desse processo de pesquisa.

As entrevistas semiestruturadas foram feitas com Raimunda em sua casa, com Larissa e Sophia nas escolas onde trabalham durante horários vagos. Utilizamos um roteiro de entrevistas para o primeiro

bloco com questões abertas nas quais perguntamos sobre suas experiências de formação, desde a infância à docência. Também questionamos sobre suas atuações docentes, quais as marcas e experiências que recordam, questionamos sobre o ser professora e mulher, como o conceito de coeducação esteve presente em sua formação e como compreendem, em sua sala de aula, a presença da mulher na educação, como é ter meninos e meninas no mesmo espaço escolar, como visualizam trajetórias de lideranças femininas e demais elementos que foram sendo acionados no decorrer das entrevistas.

No segundo bloco, ocorrido um ano e quatro meses após o primeiro, nos dedicamos a apresentar-lhes suas próprias falas sobre determinados pontos. Inicialmente elas corrigiram o que entendiam estar diferente na transcrição, ou o que o áudio não possibilitou o melhor entendimento, e depois fomos tratando de pontos específicos selecionados por nós com o estudo da transcrição das entrevistas, revendo alguns pontos, sinalizando algumas respostas que me chamaram a atenção na entrevista inicial. Esse retorno após um determinado tempo foi muito importante, pois, nas três entrevistas deste segundo bloco, as professoras indicam mudanças na atuação docente, elementos nos quais antes elas não prestavam atenção, mas que passaram a pensar após nossa conversa inicial. Algumas vezes, em suas narrativas, faziam um contraponto entre a turma do ano anterior e à que estavam finalizando no ano seguinte.

São muitas as passagens em que as Raimundas, Larissas e Sophias estão compartilhando suas experiências e ao mesmo tempo refletindo sobre sua atuação docente. As suas entrevistas trazem para a pesquisa conceitos, marcas, experiências que compõem produções discursivas acerca da mulher na educação, em suas salas de aula. Acreditamos que estes momentos nos quais colocam em xeque sua atuação, observam como atuam, questionam-se, acabam por movimentar seus entendimentos sobre as questões – movimentos fundamentais para a pesquisa que está lidando com o humano, com a vida, com o intangível.

Pensamos que estes momentos na pesquisa produzem marcas na formação docente e nos ajudam a compreender melhor a educação. Raimunda, quando aborda as marcas de sua experiência, diz: “Tem sido a cada dia um aprendizado. A gente aprende demais com nossos alunos. Principalmente, apesar de eu ser do campo, mas eu aprendo muito com eles”[x]. Percebemos em sua fala como a proximidade com o lugar é marcante na sua trajetória docente, como compreende a relação de seus alunos com o meio social no qual vivem, e como este lugar tem significados marcantes em sua formação docente, desde a aluna que foi nas primeiras letras, passando pelas primeiras experiências docentes, até o momento atual. Ser professora, para Raimunda, é lidar com os aprendizados diários.

Desde a infância Raimunda tem profunda relação com o Triunfo, fala com carinho dos momentos de aprendizados com os seus avós e como a escola no início lhe pareceu um lugar que desconsiderava estes aprendizados. Em determinado momento da entrevista, contou: “Eu fugia da escola para ficar com meus avós, mas sempre dedicada aos estudos, eu estudei aqui no povoado. Na quinta série fui para cidade porque não tinha fundamental completo aqui”[xi]. Como bem reforça Daniel Pennac (2008), a escola muitas vezes não sabe lidar com nossas experiências, o que trazemos da vida, ainda mais em um lugar fortemente marcado pelos ensinamentos do campo e pelos saberes populares.

A professora Larissa apresenta uma análise sobre o elemento que fazia Raimunda fugir da escola na infância, quando em sua segunda entrevista me diz: “aquilo que me incomoda, quando eu falo isso eu falo em relação, principalmente, relacionado ao material que vem no livro didático. Porque o livro [...] ele traz assim, tudo muito limitado, essa coleção que o governo adota de educação do campo”[xii]. Raimunda demonstra um aspecto necessário a ser revisto nas escolas do campo: o atrelamento dos conteúdos com o contexto local muitas vezes desconexo com os diversos aprendizados desses lugares tão ricos em saberes e fazeres, mas muitas vezes desconsiderados. Como professora no Triunfo não cessei em dar aulas no alpendre da tia de Raimunda, ou no quintal da mestra de samba de coco, ou até mesmo entre as máquinas de uma casa de farinha. Precisamos possibilitar o avanço das diferenças para nossas aulas; que essas experiências tão ricas ganhem outras

significações. Precisamos ir além dos livros didáticos e tocar nossas alunas com as experiências mais simples de reconhecer a importância desses aprendizados e os ensinamentos que eles podem causar.

Essa é uma necessária reflexão de Larissa, sua docência não foi algo planejado. Na sua primeira narrativa demonstra como isso é algo marcante, quando afirma: “A minha condição docente foi um acaso que acabou dando certo, porque: quando eu entrei na escola, quando eu era pequena, eu não tinha uma profissão certa que eu quisesse ser”[xiii]. Porque nem sempre é pelo desejo que nos tornamos professores. Quantos entram na docência por sua concorrência ser menor no ingresso à faculdade? Quantos trabalham todos os dias para pagar uma das faculdades mais baratas que geralmente é uma licenciatura? Quantos acreditam que terão emprego rápido com uma licenciatura? Eu fiz estágio docente em turmas de Pedagogia e fiquei muito preocupada com o futuro da profissão docente. Precisamos, enquanto professores, contaminar mais o mundo com o desejo de ser uma professora pautada em valores éticos e que realmente encare sua profissão com compromisso. Larissa é um dos exemplos de pessoas que optaram pela docência não pelo desejo de ser professora, mas pela necessidade de escolher uma profissão e não saber o que fazer. Exemplo semelhante que também nos coloca a pensar é o quão cedo colocamos nossos jovens a decidir o futuro de suas vidas, sem nem conhecer as características e parâmetros do ensino nas Universidades.

Pensamos sermos fruto de todas as linhas que nos percorrem, nenhuma profissão é composta por apenas um momento. Não há como separar esse emaranhado que nos entrelaça. Somos professoras em qualquer lugar, distância ou momento; é uma força superior a qualquer barreira.

Também não podemos esquecer que a educação é permeada de encontros alegres e tristes, a sala de aula sempre está pronta a nos tirar o chão e esse movimento inusitado faz parte do tornar-se professora. É como nos diz Silvio Gallo “não há educação sem o outro” (GALLO, 2012, p.6). Larissa vivencia experiências como estas em seu cotidiano, quando afirma que: “[...] tem também as experiências marcantes que já não são tão boas, que é quando chego na escola com uma aula preparada e não consigo dar aquela aula. Isso acaba marcando, porque você pensa em fazer diferente”[xiv]. Nem sempre a sala de aula dá as respostas que queremos, é preciso virar a mesa, mudar o jogo constantemente, se fazer diferente, pois o mesmo caderno amarelado já não faz o mesmo sentido em um tempo com velocidades intangíveis e mudanças frequentes.

Para Sophia a profissão docente foi algo que aconteceu no decorrer de sua adolescência até o momento de sua escolha, como expõe: “Ai: não pensei em momento algum em fazer outra coisa”[xv]. Sabemos o quanto é necessário que pessoas impregnadas do fazer docente tornem-se professoras. Mesmo assim não foi fácil a sua formação, como indica em outro trecho:

Primeiro, eu fiz magistério, no curso técnico em 98. Quando terminei, em 2000, comecei a fazer Pedagogia. /Na época muito difícil, porque o ensino do Ensino Médio no curso técnico não é nada do que a gente faz hoje. Para o aluno ter autonomia em seminário. Nada disso. Leituras, não tínhamos leituras. De tá lendo textos. (15) De fazer fichamentos. Você pegar um texto e tirar a ideia principal. Foi um martírio. Eu chorava. Eu lia um texto e não entendia. Eu dizia que eu era uma burra, ((rápido)) que não ia mais estudar. Ai, um texto que você lia três vezes, para entender passei a ler duas vezes.[xvi]

Como comentado anteriormente, muitas vezes entramos na Universidade despreparados para lidar com as novas atribuições e características do processo de ensino-aprendizagem. Logo, muito rapidamente se faz uma preparação docente para encarar a sala de aula e, quando nos deparamos sozinhos entre nossos alunos, percebemos nosso despreparo para lidar com esse lugar. Ainda mais despreparados estamos para lidar com as intensas diferenças que entram pela porta e sentam nas cadeiras escolares. Sophias, Larissas e Raimundas são muitas de nós e diversas outras

professoras. Somos um pouco de cada uma delas em nossos movimentos de *professoralidades* constantes e de composição de docências, causando marcas constantes, muitas delas carregadas de práticas discursivas que determinam verdades para nossas alunas; verdades presentes em nossos livros didáticos, nas normas, na arquitetura, nas brincadeiras, em tantas outras camadas e em nós.

Considerações finais

As pesquisas no campo da educação precisam ter um olhar mais sensível às diferenças, entre elas as mulheres, objetivando a desconstrução da identidade feminina patriarcal dominante. O conceito mulher precisa ocupar espaços sociais, culturais e políticos, de forma a atuar por uma igualdade de gênero, direito à educação, trabalho e demais demandas sociais dentro dos princípios de equidade.

Com as narrativas das professoras Sophia, Larissa e Raimunda, podemos compreender alguns aspectos que demonstram como a mulher se tornou o que é hoje. Como as produções discursivas habitam os corpos e reiteram a repressão ao feminino.

Na trajetória dessas mulheres podemos compreender como diversas marcas atravessam o nosso caminho, a nossa formação docente. São muitos encontros e desencontros, entre as aulas que são preparadas e atingem seus objetivos, e outras que não, mas que nos demonstram que estamos lidando com os inusitados provocados pelas intercessões das diferenças nas salas de aula.

São múltiplas as experiências compartilhadas pelas professoras do Triunfo. Foi no decorrer de suas narrativas que acabaram por olhar para suas marcas e refletir sobre suas atuações docentes. O desenvolvimento de dois blocos de entrevistas demonstrou que as professoras movimentaram as suas *professoralidades*.

REFERÊNCIAS

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FELDENS, Dinamara Garcia. **Cartografias da ditadura e suas moralidades**: os seres que aprendemos a ser. – Maceió: EDUFAL, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Michel Foucault**: Ética, sexualidade, política. Manoel Barros da Motta (org.). - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GALLO, Silvio. **Eu o outro e tantos outros**: educação, alteridade e filosofia da diferença. Disponível em: www.grupodec.net.br/ebooks/GalloEuOutroOutros.pdf . Acesso em: 20.01.2012. 16 p.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. – 10 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PENNAC, Daniel. **Diário de Escola**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da professoralidade**: um estudo interdisciplinar sobre a subjetividade do professor. São Paulo: SP. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, 1996.

RAGO, Luzia Margareth. **A aventura de contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. – Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. – São Paulo: Moderna, 1987.

ENTREVISTAS

Raimunda. **Entrevista I**. [27 ago. 2016]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Simão Dias, 2016.

Larissa. **Entrevista II**. [31 ago. 2016]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Simão Dias, 2016.

Sophia. **Entrevista III**. [02 set. 2016]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Simão Dias, 2016.

Larissa. **Entrevista IV**. [03 jan. 2018]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Simão Dias, 2018.

Sophia. **Entrevista V**. [04 jan. 2018]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Simão Dias, 2018.

Raimunda. **Entrevista VI**. [16 jan. 2018]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Simão Dias, 2018.

[1] Como indica o professor Marcos Vilela Pereira, “[...] a professoralidade não é uma identidade que um sujeito constrói ou assume ou incorporamos, de outro modo, é uma diferença que o sujeito produz em si. Vir a ser professor é vir a ser algo que não se vinha sendo, é diferir de si mesmo. E, no caso de ser uma diferença, não é a recorrência a um mesmo, a um modelo ou padrão. Por isso, a professoralidade não é, a meu ver, uma identidade: ela é uma diferença produzida no sujeito. E, como diferença, não pode ser um estado estável a que chegaria o sujeito. A professoralidade é um estado em risco de desequilíbrio permanente. Se for um estado estável, estagnado, redundaria numa identidade e o fluxo seria prejudicado”. (PEREIRA, 1996, p. 33)

[2] Raimunda. **Entrevista I**. [27 ago. 2016]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Simão Dias, 2016.

[3] Raimunda. **Entrevista I**. [27 ago. 2016]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Simão Dias, 2016.

[4] Sophia. **Entrevista III**. [02 set. 2016]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Simão Dias, 2016.

[5] Sophia. **Entrevista V**. [04 jan. 2018]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Simão Dias, 2018.

[6] Larissa. **Entrevista II**. [31 ago. 2016]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Simão Dias, 2016.

[7] Larissa. **Entrevista IV**. [03 jan. 2018]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Simão Dias, 2018.

[8] Informações disponíveis no censo agropecuário de 2006 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

[9] IBGE, Censo: amostra de domicílio, 2010.

[10] Raimunda. **Entrevista I**. [27 ago. 2016]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Simão Dias, 2016.

[11] Raimunda. **Entrevista I**. [27 ago. 2016]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Simão Dias, 2016.

[12] Larissa. **Entrevista IV**. [03 jan. 2018]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Simão Dias, 2018.

[13] Larissa. **Entrevista II**. [31 ago. 2016]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Simão Dias, 2016.

[14] Larissa. **Entrevista II**. [31 ago. 2016]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Simão Dias, 2016.

[15] Sophia. **Entrevista III**. [02 set. 2016]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Simão Dias, 2016.

[16] Sophia. **Entrevista III**. [02 set. 2016]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Simão Dias, 2016.